

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1275	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 37
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	500	120	30 de Maio de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CRONICA OCCIDENTAL

Bernardino equilibra-se na corda bamba do Poder... A passo de dança, com modos cautos, desliza — armado dum longo frack de exibição, olhos piscos de ladino, bigodes arreganhados em sorriso ás turbas, na dextra um chapéu-alto luzidio de torna-viagem.

Em verdade, torna-se curioso o espectáculo.

De resto, o publico pagante e espectante não se diverte, como de direito mereceria.

Consoante se diz em gíria de politica, o democratismo triunfa em toda a linha. Reconhecido o facto, dos adversarios, uns, resignam-se, e de vil tristeza pensam em resignar a missão de politicos redentoristas, outros, desmancham-se, para gaudio das galerias, em bravatas de facundia, e ainda varios, ameaçam subverter a fortaleza com artefactes de papelão.

Clama-se — uma opposição formidanda, no resurgimento e coesão de forças irresistiveis, escorção do governo violentamente a Afonso Costa. Ha, pois, a contar nos anaes do oposicionismo uma victoria de relumbro — que, todavia, não deslumbra adversarios, nem indifferentes observadores...

Muito naturalmente, Afonso

Costa retirou-se do Poder, dispostos os negocios da sua regedoria, no momento propicio que lhe aconselhavam todas as condições e circunstancias da sua propria conveniencia. Se não — é de vêr como as coisas politicas do nosso paiz vão preparando a eclosão duma nova victoria do democratismo. Sucedeu a Afonso Costa, o homem-de-estado que por certo mais bem lhe conviria. Fitos de pacificação, manhas de cordura, compromissos de imparciali-

dade — tudo isto, que se dilue na meia-tinta inexpressiva do programa governamental, serve habilmente aos propositos da politica democratica. Bernardino equilibra-se na corda bamba do Poder... E a sua presteza de ginasta só tende a iludir a vista-grossa do publico adversario.

Seria divertido fazer um estudo rigoroso e documentado das causas que elevaram

à primazia o partido republicano português. Assim se denomina, pretencioso à hipérbole, o partido do sr. Afonso Costa e ha razões consideráveis para aceitar com reverencia este rótulo.

Na verdade, é o unico agrupamento politico português que tem conseguido pagar a prazo exato as letras contraídas nos tempos agitados da propaganda. Realisa com precisão os compromissos tomados de vespera. Ainda hoje, tem o seu maior apoio na multidão anónima que era a parte delirante daquelas funçanatas e comícios murmurinhos de ostracismo. E' ainda essa arraia-miuda que sustenta os novos tubarões...

Dá-lhe o melhor esforço ainda esse povo audaz e revel que se debruçava na gorja rubra das carbonarias e impôz á nacionalidade uma nova forma de governo. Sómente, esse povo implantou a Re-

SALON DE PARIS DE 1914

Brasil Artístico — Portugal no "Salon"



VISCONDE DE FARIA, PRESIDENTE DA ACADEMIA AERONAUTICA DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO
Medalhão em bronze pelo escultor Fourcade

publica-Portuguesa... Quem lhe dá pasto ás iras subversivas? Quem lhe ceva as pequeninas ambições? Afonso Costa — sempre Afonso Costa.

Acomodado na sua cathedra de ministro, omnipotentemente decretou — expulsão de jesuitas, separação das Igrejas do Estado, lei do divorcio...

Etc., Etc., Etc.

E', pois, de lógica, que seja exclusivamente para o sr. Afonso Costa que se dirijam os ruidos, confusos de aplauso, desse povo, miudinho e anónimo, experimentado no ataque contra a Religião e o Capital.

Existem outros partidos políticos?

Sim. Conheçemo-l-os de nome. Unionismo — palavra que é um epitáfio. Evolucionismo — que é, em teoria, um não-senso, e na pratica um contra-senso. Além disto, vagueiam por ahí, varias e tontas, ovelhas inofensivas que, por se vêrem tresmalhadas, se julgam *independentes*.

São estes partidos que presumem representar o elemento conservador da Republica-Portuguesa. Que pretendem eles conservar? Sem duvida, aquilo que não têm. Aqueles que são visados directamente pela intencionalidade e alcance politico dos seus programas, proprietarios e capitalistas, as maiores forças vivas do país, afastam-se, receiosos e desdenhosos. Não ignoram que até hoje as unicas razões de existir e subsistir do Regime-Vigente, resumem-se em energias exaustivas e efêmeras — demagogia e irreligiosidade.

Por certo, a força jacobina, corrosiva e dissolvente, pode derruir um trôno, mas jámais poderá consolidar um Estado. A evidencia, repele a simpatia dos elementos, verdadeiramente e irredutivelmente, conservadores da Sociedade.

Assim, estes pequeninos grupos, diletantes em politica, inanes em barafustas, debatem-se, a sós, esfacelam-se, entre si, sem cooperação, nem apoio sólido. Poderiam fusionar-se. E' certo. Eis a ideia de certo politico que tem em voga manhas e artes varias.

Por motivos multiplos, a ideia famosa não teve realisação possivel. Mais tarde, serenamente, á boa paz, será curioso fazer a exposição joco-séria dos argumentos, pró e contra, adrede, no momento, invocados...

ANTONIO COBEIRA.



O «SALON» DE PARIS DE 1914

O Brazil Artístico — Portugal no «Salon»

O Brazil não se afirma apenas no dominio economico, pelas suas riquezas naturaes, pelos magnificos productos do seu solo uberrimo, pelo seu café, pela sua borracha, pelo seu algodão, pelo seu mate, pelo seu cacau, e mesmo pelas suas minas de ouro e de diamantes, terra que deve ser n'um futuro proximo o colleiro do muudo! Ha no Brazil uma mentalidade superior que na esphera do pensamento e da idealidade artistica se destaca entre todas as outras nações da America Latina. A patria do heroico Xavier, o *Tira-dentes* e que foi tambem a patria de Bartholomeu de Gusmão, o homem voador que oitenta annos antes que Montgolfier fez uma ascensão aerostatica em balão livre, apresenta hoje uma augusta ala d'enamorado da belleza, — na Poesia, no Romance e nas Bellas-Artes. Lyricos e epicos como Olavo Bilac, Fontoura Xavier, Luiz Gui-

marães filho, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Raymundo Correia, Affonso Lopes d'Almeida, Affonso Celso, Filinto de Almeida, pairam nas regiões altas e soberbas onde admiramos esculptores como Bernardelli e Correia Lima e pintores como Pedro Americo, Antonio Parreiras, Rodolpho Amoedo, Visconti, Mario e Dario Barbosa, Simões da Fonseca, Madruga, Lopes da Silva, Vauthier, José Rodrigues e outros brilhantes artistas que tanto honram o nome brasileiro no mundo culto moderno.

E, foi meditando n'este quadro d'um Brazil integrado na civilisação refinada dos grandes centros mundiaes, que visitámos ha dias o *salon* de Bellas Artes do *Grand-Palais* onde tantos artistas do Rio e de S. Paulo expõem telas e marmores de real valor, demonstrando o adiantamento e o real progresso de muitos pintores e esculptores brasileiros que ainda ha poucos annos pareciam hesitantes e que hoje estão absolutamente senhores da technica, com individualidade propria, d'uma emoção esthetica superior.

Mario Barbosa e Dario Barbosa apresentam duas telas admiraveis: a do primeiro d'estes artistas chama-se *pateo cheio de sol, em Sevilha* e a do segundo: *na rua em Sevilha*. São ambos elles excellentes discipulos do mestre Jules Lefebvre e ha muito que se encontram em Paris, seguindo os cursos dos mais afamados professores e expondo todos os annos no *salon*. Ultimamente passaram cerca d'anno e meio na verde e ardente Andaluzia, a patria de Maria Santissima e das terras de sol d'essa illustre Hespanha meia arabe trouxeram esplendidos estudos que depois aqui, com mais vagar, teem retocado. Os dois quadros que Mario e Dario expõem no *salon* vibram esfusiantes de luz e n'elles canta toda a harmonia fulva da Andaluzia.

Os dois pintores paulistas estudaram a Hespanha do sol com os mesmos olhos d'artista sedentes de côr, como ha annos haviam estudado a Bretanha d'onde vieram com dezenas de telas deliciosas que tanto successo obtiveram no Brazil.

Simões da Fonseca é um bello artista que já tem um nome no meio intellectual parisiense porque tem sido o auxiliar precioso de muitas missões scientificas francezas no Oriente. Filho d'um homem que tão querido fôra em Paris, professor probo e digno, herdon de seu pae, — nosso saudoso amigo! — toda essa affabilidade e enternecida sympathia com que nós atrae. A tela que apresenla no actual *salon: dans le Parnasse*, é um quadro *pris sur le vif* dos campos sagrados da Grecia eternamente gloriosa. Um rebanho de cabras desce os agrestes rochedos dos montes do Parnasso e atraz o pastor, — um puro e authentic grego com o seu traje caracteristico acompanha o gado, com os braços voltados sobre o cajado nos hombros. Ha uma atmospheria um pouco azulada. Mas o gado é amplamente tratado, com fino espirito, com inspiração, vendo-se bem que está ali um artista que sente e que sabe.

José Wosth Rodrigues, outro pintor brasileiro, com tantas e tão bellas qualidades d'um verdadeiro e admiravel artista, apresenta-nos uma tela de serio valor: é a *Velha igreja do Moret*, departamento de Sena-e-Marne. O pintor tão conhecido e tão justamente apreciado Vauthier dá-nos o *Velho caes de Saint-Denis*, entrada da antiga ponte suspensa e um trecho do canal da Villette durante os grandes frios em pleno inverno. Este mesmo artista apresenta-nos, na secção de aguarellas, duas obras igualmente de muito valor. De resto, o nome de Vauthier é bastante aplaudido nos meios cultos do intellectual Paris. Expõe todos os annos no *Salon* e sempre com grande successo.

Madruga é um excellent artista, cheio de grandes e bellas qualidades, trabalhador, possuindo toda a technica a mais refinada da arte. O retrato que no actual *salon* apresenta é mais uma obra que comprova e d'uma maneira admiravel os seus preclaros dotes de pintor moderno. Não podemos deixar de saudar essa bella obra a que uma boa parte da critica parisiense se referiu com elogio.

Visconti evoca o symbolismo da historia no seu quadro allegorico da descoberta do Brazil. Este artista que o publico d'*élite* tanto aprecia é um espirito delicado, com poeticas concepções que executa admiravelmente. Ha muitos annos que o distinctissimo brasileiro collabora no *salon*

de pintura de Paris, n'uma constante progressão d'intensa arte, tendo uma individualidade propria e das mais interessantes e magnificas.

Rutilante de sumptuosa côr é o quadro do sr. Virgilio Mauricio: — *L'heure du goûter*. Este pintor tem a visão pagã e gosta da harmonia da carne, da sensual e luxuriante apothose das deusas!

Lopes da Silva é um artista cheio de caracter, com firme desenho, boa technica, colorido magnifico e possuindo todas as qualidades do verdadeiro artista.

Embora nascido em luzas terras, mas falando a mesma lingua de Gonçalves Dias e Machado d'Assis, não podemos deixar de nos referir a Filipe de Leitão, pintor d'um real e alto merito, artista de muito saber, executando com raro brilho e segura technica. A sua tela é uma das que mais gostamos no actual *Salon* e o assumpto é tratado com amplidão e com enternecida idealidade. *Fim de journée*, — como uma pequena idyllica de Julio Diniz, ou uma estrophe de João de Deus!...

Na secção d'esculptura não ha muitas obras brasileiras: o sr. Parana apresenta uma obra vigorosa e bella: *Dionysios e um excellente busto de Dom Pedro II*. O sr. Furin demonstra-nos altas qualidades nas *plaquettes*, excellentes e bem naturaes, do Barão de Rio Branco, do poeta Bilac e do vice-presidente do Senado brasileiro, o general Pinheiro Machado. Eguamente muito interessante e com grande expressão a *terra-cuite* bronzada, representando uma cabeça de velha, obra do novo escultor brasileiro, o sr. Armando Magalhães Correia.

Madame Hamoir de Rio Branco expoz uma estatueta a que deu o nome de: *Estudo de nu*, mas que é uma obra de serio valor. O seu marido, o sr. Amadeu Hamoir, demonstra mais uma vez as suas grandes qualidades d'artista na *Morte de Sapho*, d'uma bella concepção e habilmente executada. O escultor Augusto Seyses fez o busto em gesso de Madame Hortense Hamoir de Rio Branco, trabalho que tem merecido os mais justos elogios.

Ruy Bastos, (embora seja nascido em Portugal), não pôde deixar de receber os mais sinceros parabens n'esta galéria d'artistas do povo irmão. O seu grupo *Chiffiniers* é uma obra curiosa de emoção, muito bem concebida e muito bem executada.

E completando a secção d'esculptura devemos saudar os dois trabalhos d'um grande artista francez, o escultor Magrou que nos apresenta no actual *Salon* o busto em bronze do senador Azevedo e o *Adien*, estatua tumbal para a campa da extincta esposa bem-amada do deputado brasileiro e nosso amigo, o dr. Ireneu Machado.

Magrou é um artista que o Brazil ha muito aprecia. E nas duas obras do presente *Salon* evidencia mais uma vez os seus altos dotes d'um idealismo tão refinado, sobretudo na doce figura do *Adeus*, immortalizando no marmore divino a figura graciosa da companheira querida de Ireneu Machado.

Mademoiselle Fedora do Rego Monteiro destaca-se na sala n.º 25, na secção dos desenhos e *cartons*, com um lindo estudo scintillante de fino colorido e nitido desenho.

E na secção das medalhas devemos citar o bello medalhão do escultor Fourcade, representando o illustre historiador e vulgarizador, o sr. Visconde de Faria, presidente da Academia Aeronautica de Bartholomeu de Gusmão. Podemos affirmar sem temer contestação que é um dos melhores e mais bem tratados medalhões do *Salon*, apresentando com exacto relevo a figura tão sympathica, de traços caracteristicamente bem aristocraticos do historiador do Prior do Crato e de Gusmão.

Eis portanto em resumo, n'esta pequena e rapida critica, o que é a representação do Brazil no actual *Salon*, — a série de trabalhos de valor, as obras que merecem a attenção dos entendidos e a affirmação de alguns espiritos d'*élite* que levantam, d'uma maneira soberba e brilhante, o renome da augusta patria brasileira no meio extremamente culto de Paris!

XAVIER DE CARVALHO.



A Virgem e o Menino

A VIRGEM E O MENINO

(Galeria Imperial de Vienna)

Para a minha amiga, a ex.^{ma} senhora D. Emilia
Gonçalves Gomes, asseverando respeito, estima e
gratidão.



Virgem de Dürer com o Menino,
— Concepção sublimada e genial! —
E' tão radiosa e terna e lyrial,
Que o seu rosto illumina o do Bambino.

Num sorriso vago e doce e crystallino,
Parece predizer o vendaval
Rugidor, sanguinario e avernal,
Que o bom Jesus tornou em peregrino...

E conchegando-O assim ao niveo peito,
Numa caricia santa, immaculada,
Do abraçar suave mas estrello,

Sente-se tudo que esse amor contem,
Revivido na tela consagrada
Como o viveu o coração de Mãe.

16-V-1914

Julio Ribeiro.

PELO MUNDO FÓRA

A Sicília foi de novo assolada por um tremor de terra que produziu muitas victimas, não podendo, felizmente, comparar-se com o de 1909, que causou os maiores horrores em *Messina e Regio*.

A zona attingida agora está situada nas encostas do *Etna*, a leste e sul do vulcão, na linha de caminho de ferro que vai de *Taormina* a *Catanea*. Havia dias que o vulcão manifestava certa recrudescencia de energia sismica. No dia 8 do corrente o phenomeno apresentava grande intensidade, e ás 7 horas da noite houve um abalo d'extrema violencia sentido em toda a vertente occidental. As localidades que

foi edificado no anno 396 antes de Christo, a cerca de 50 km. a oeste de *Messina*.

Os phenomenos sismicos localizam-se na zona do *Etna*. *Catanea* está fóra da zona perigosa.

Tem preocupado muito a Europa o agravamento da doença do soberano da *Austria-Hungria*, que conta 56 annos de reinado e é o mais velho dos reinantes. As noticias do estado de saude do imperador *Francisco José* são um verdadeiro acontecimento, o que é natural, desde que da sua vida depende talvez, se não é certo, a conservação do periclitante equilibrio europeu.

Traduzido em francès, em inglês, alle-

de povoações inteiras, de casas mobiladas, estabelecimentos, e até as arvores!

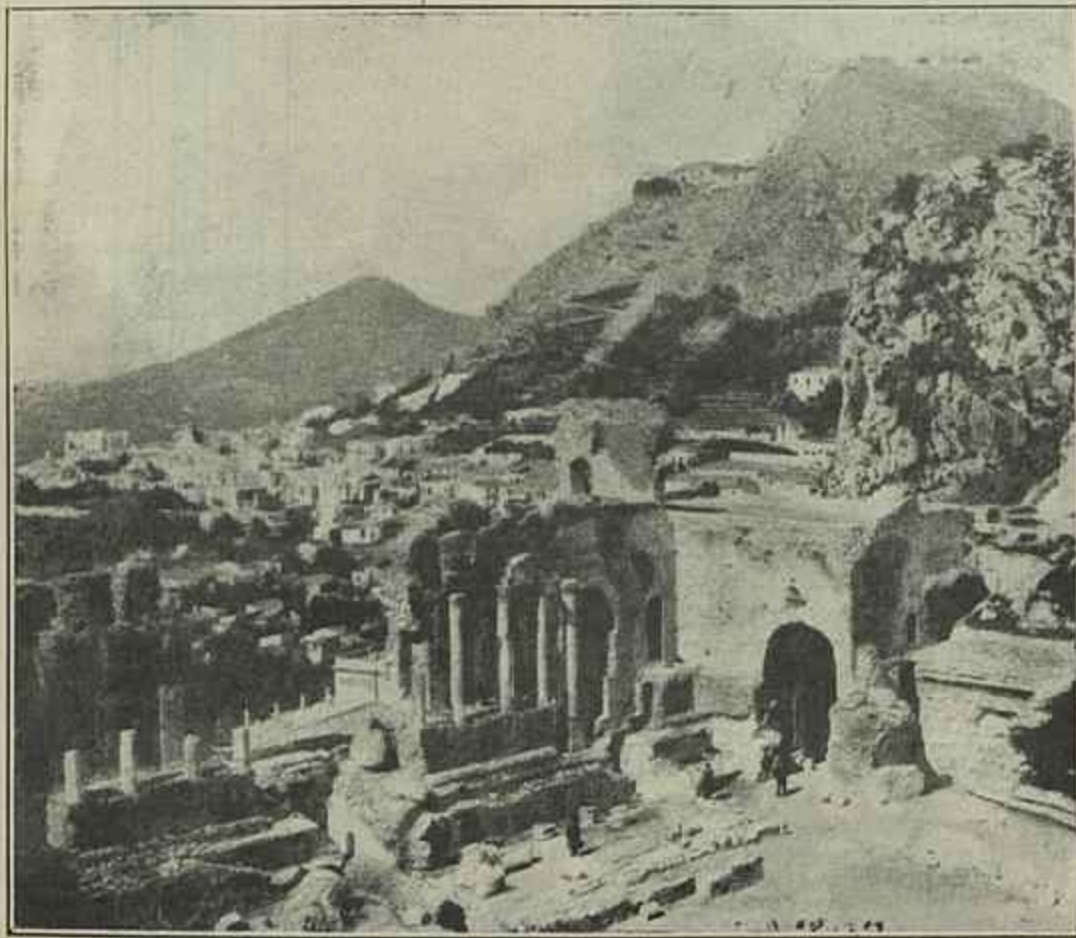
Razão teve, pois, o celebre escriptor francès *Pierre Loti* em se indignar contra os processos bulgaros, na segunda phase da guerra balkanica e que elle estigmatizou no famoso livro *La Turquie Agonisante*.

A china tem dado bastante que falar não só pelos actos de profunda anarchia praticados pela terrivel seita dos *lobos brancos*, que teem saqueado innumeras povoações, mas tambem pela attitude do presidente *Yuan Chi Kai* que indubitavelmente vai preparando o terreno para o imperalismo em seu proveito. No dia primeiro do corrente foi promulgada a *nova constituição*, supprimindo o regimen parlamentar. Esta mudança não surprehende quem tenha seguido a evolução politica d'aquella nação nos ultimos menses. Desde a eleição de *Yuan Chi Kai* á presidencia em 6-10-1913 o Parlamento chinês não tinha sido mais que um arremêdo. Em 4-11-1913 deu-lhe o primeiro golpe devolvendo aos seus eleitores os 300 deputados do partido radical chamado *Kuo-un-nig-tang* e decretando a supressão de todas as organizações locais do mesmo partido na provincia. Dias depois o pseudo-parlamento adiaava-se *sine die*. As eleições de Janeiro foram favoraveis ao *Kuo-un-nig-tang*, mas *Yuan* cortou o *nó gordio* dissolvendo o Parlamento e annunciando a reorganização da Constituição. Em Março supprimiu as assembléas provinciaes, ultimo farrapo das instituições liberaes devidas á revolução.

A nova Constituição, elaborada por uma comissão especial, confere ao Presidente os poderes que elle pode ambicionar. O ministerio comprehenderá um chanceler ou primeiro secretario d'Estado, e nove ministros. A situação dos ministros para com o Parlamento é identica á da Constituição dos Estados Unidos.

A Assembléa provisoria — *Li-Fa-Huen* — não tem que ratificar a escolha dos ministros nem a dos representantes da China no estrangeiro. O Presidente escolhe e nomeia á vontade; é senhor da politica externa da nação. Só os tratados ou convenções que interessem á integridade do territorio chinês ou que agravem os encargos fiscaes não poderão ser promulgados sem o assentimento do Parlamento. Faz se reviver, sob o nome de *Conselho da Republica*, um corpo, cujo recrutamento e funções recordam o *Grande Conselho do ominoso* regimen. Este novo conselho, baluarte contra o movimento liberal, tem faculdade de dissolver o Parlamento e até de se negar á promulgação d'uma lei que o Parlamento tenha approved por uma maioria de tres quartos de votos.

O ditador declara-se pois omnipotente. Sob a mascara republicana, vemos a China despotica reviver em toda a sua integridade. E' de crêr que essa dictadura seja bem acolhida em toda a nação. *Yuan* confiou o posto de 1.º secretario d'Estado ao seu collaborador mais intimo *Siu-Che-Cheung*, antigo vice-rei da *Mandchuria*, membro do Grande Conselho, e tutor do imperador; passa por ser um homem de ordem, sem ser hostil ao progresso e á politica da porta aberta. Fatigada por convulsões internas sem fim, a China pede



TAORMINA — RUINAS DO THEATRO GRECO-ROMANO

mais soffreram são:—*Linguaglossa, Giarre, Santa Veneria, Zaffara, Bongiaro, Guardia, Mangano, Cosentini, Aci-Reale e Linera*.

A região attingida é uma das mais ricas da Sicília, e é essa riqueza que faz com que os habitantes se obstinem em permanecer lá, não obstante a frequencia dos abalos sismicos. A cultura dos limoeiros e das laranjeiras, cuja producção é abundante, assegura vida facil aos pequenos proprietarios da região, onde, por isso, não existe a emigração.

Um pouco mais ao norte estendem-se os vinhedos que tornam afamado esse *plateau do Etna*. Por prudencia, a maior parte das casas tem apenas um andar, circumstancia esta a que é devida a grande proporção de feridos em relação aos mortos na actual catastrophe.

Catania, Taormina e Messina, nada soffreram.

Calcula-se em 150 o numero de mortos e cerca de 500 feridos.

O famoso *theatro de Taormina*, construcção grega modificada pelos romanos, que ainda ostenta as suas soberbas ruinas,

mão, italiano e russo, está profusamente espalhado por toda a parte um livro celebre — *As atrocidades bulgaras*, que o governo servio mandou publicar, no intento de fazer um appello ao mundo civilizado. Esse livro, escripto por professores universitarios e pela *elite* intellectual da Servia, constitue um documento terrivel da ferocidade da Bulgaria, publicando os nomes dos prisioneiros infamemente degolados. Os syndicantes, escolhidos entre pessoas da maior confiança, fizeram-se acompanhar por consules estrangeiros, que verificaram os innumeros casos de horripilantes mutilações, violação de menores e de mulheres de todas as edades, na presença de paes, mães e maridos! A lista horrenda das victimas traz as assignaturas dos membros da comissão internacional, de que faziam parte o dr. Albert Peron, de Paris, dr. Ludwig Schlisb, de Berlim, dr. Noller, da marinha norueguêsa, Joan Pelissier, jornalista delegado, e um photographo do ministerio da guerra.

A esses horripilantes crimes, commettidos pela soldadesca desenfreada e de figados de chacal, accrescente-se a destruição

que lhe garantam a paz e lhe assegurem o progresso. Yuan-Chi-Kai e os seus colaboradores dizem que vão ao encontro d'esses desejos. O certo é que lhe bastaram tres annos para arruinar a obra da revolução republicana. D'aqui ao almejado sonho do poder imperial, não ha mais que um passo.

As suffragistas inglézas continuam na sua furia devastadora. Ha dias atacaram diferentes ministerios, quebrando os vidros das janellas. Houve muitas prisões. N'uma casa de Londres apprehendeu a policia enorme quantidade de pedras, machados, martellos, etc. Um verdadeiro arsenal.

Os museus artisticos constituem o theatro das suas façanhas, no proposito de convencerem o publico e o governo da razão que lhe assiste. Na *National Gallery* destruíram ellas agora cinco quadros de *Giovanni Bellini*, e na *Royal Academy* danificaram tambem dois quadros. Fizeram grosso escandalo no *Magistic-Theater* e com bombas de dynamite partiram os vitraes d'uma igreja de *Edimburgo*. Uma verdadeira loucura.

Melhor propaganda vae fazer a s.^a *Jeanne Duportal*, a primeira mulher que em França conquista o doutoramento em letras. A illustre doutora apresentou duas theses referentes á *historia da arte em França durante a primeira metade do seculo XVII*, occupando-se de uma das mais interessantes questões d'essa epocha — *a das illustrações dos livros com figuras*.

Caso mais curioso nos anaes do feminismo é-nos narrado de *Copenhague*, e não nos surprehende sabendo-se que as Escandinavas foram sempre as mais avançadas nesse caminho.

Madame Bauditz foi ha dias collocada no posto de... commandante d'um transatlantico! Uma mulher a commandar um navio! Santo Deus! Pois é verdade. Seu marido é medico da marinha dinamarqueza. Ella acompanha-o nalgumas travessias. Sentiu que com o amor pelo marido, lhe vinha augmentando tambem o amor nautico e o desejo de desvendar os segredos da navegação levou-a aos estudos da especialidade na *Escola Naval de Commercio de Copenhague*, onde obteve o diploma de official commandante.

Quando o anno passado ella se encontrava a bordo do navio com o dr. *Bauditz*, no *Baltico*, o commandante adoeceu gravemente e esta offereceu-se para assumir o seu posto. A aventura ia decidir da sua vocação. A empresa de navegação nomeou-a para aquelle posto.

Em Paris havia já a mulher cocheiro. Agora temos na *Dinamarca* a mulher a commandar um transatlantico.

E ha quem negue o progresso!

Nos Balkans tem havido mosquitos por cordas, porque os Epirotas não admittem o dominio albanês, tendo havido morticínio, principalmente de mulheres e creanças.

O *principe de Wied*, cuja sorte ninguem invejava, logo de começo teve que lutar contra as discordias dos differentes povos que, por vontade da Austria e da Italia, haviam de constituir o novo reino da Al-

bania, viu-se agora obrigado a mandar prender e expulsar para a Italia o famoso *Essad pachá*, seu ministro da guerra, que organizou um *complot* contra o principe.

O mais curioso é que *Essad pachá* que se havia notado pela defeza de *Scutari*, contra os montenegrinos, foi o chefe da missão encarregada de ir á Allemanha convidar o principe de Wied para dirigir os destinos da joven nação.

Reza a chronica que *Essad pachá* é muito ambicioso e que em tempos, servindo ás ordens de *Hassan Riza*, defensor de *Scutari*, pensou em tomar-lhe o posto. N'esse designio convidou o para uma ceia... á *Macbeth*. Ao sahir do banquete, *Hassan* caiu assassinado...

Essad pachá abandonou *Scutari* com 25:000 homens e fez-se proclamar rei da Albania, ao mesmo tempo que mostrava obediencia ao sultão, para apanhar dinheiro e viveres de Constantinopla. Depois apresentou-se como protector dos gregos do Epiro, contra a annexação. Emfim, é um ente velhaco, contra o qual toda a sagacidade e firmeza do principe de Wied têm que estar em continua vigilancia, para que não lhe succeda o mesmo que aconteceu a *Hassan Riza*.

As esquadras italiana e austriaca protegem a familia do principe, pois que bandos armados marcham sobre *Durazzo*, onde trôa o canhão com grande intensidade.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



O MAESTRO RAYMUNDO DE MACEDO

Raymundo de Macedo

Só hoje podemos devidamente prestar homenagem aos meritos reconhecidos de regente-de-orquestra e pianista distinto que é Raymundo de Macedo. A serie de concertos magnificos que realison na cidade do Porto, despertou do publico os aplausos mais calorosos e mereceu da critica as mais justas referencias.

E'-nos sempre grato incitar, num estimulo de entusiasmo, talentos incontestaveis e iniciativas benemeritas. E, efectivamente, simultaneamente, os concertos sinfonicos, organizados na Cidade Invicta, são a revelação dum talento e iniciativa digna do maior elogio...

Contando apenas 34 annos, Raymundo de Macedo conseguiu distinguir-se no nosso restricto meio musical, por uma incontestavel aptidão, esforço probo e acuradissimo.

Durante a sua primeira mocidade, tendo envejedado pela carreira do commercio, ali revelou qualidades de honestidade e applicação.

Mas tudo o impelia, nessa idade estuosa de sonho e ambição, ao mundo encantado da Arte...

Em breve, fez-se admirar como pianista e professor excelente.

Hoje, é um directôr-de-orquestra consagrado.

Por fim, enviamos as nossas mais veementes felicitações á cidade do Porto que tem a honra e a felicidade de o contar no numero dos seus filhos dilectos.



SCIENCIA MODERNA

O motor Diesel

A recente morte do notavel engenheiro alemão Rudolf Diesel em circumstancias quasi analogas á do celebre fisico francês Pedro Curie, vem pôr em foco o seu maior juvento: o motor que é conhecido pelo seu nome.

Durante muitos annos, foi a hulha o combustivel por excellencia da industria, sendo mais tarde substituida pelo petroleo, que não deixa residuo de cinzas, e produz gazes faceis de eliminar, vantagens estas que o superiorisam, e pelos oleos de schisto e oleos mineraes pesados, produtos da destillação do alcatrão da hulha, obtidos na fabricaço do coke. No sistema Diesel, opera-se com os oleos pesados de qualquer proveniencia, sendo o seu consumo minimo. Enquanto um motor ordinario consome em geral 350 gr. de petroleo refinado, por cada cavallo hora, o motor Diesel apenas consome 200 gramas de um oleo pesado de menor preço.

A transformaçào do calor em trabalho, nos motores termicos, nunca pode ser integral visto haver perda de calor, que naturalmente se traduz em perda de trabalho.

No motor Diesel, ha menor perda de calor do que em qualquer outro sistema, pois ha maior rendimento de trabalho util com igual quantidade de calor, devido ao combustivel arder directamente no seu cilindro, dispensando aparelhos auxiliares, indispensaveis nos outros sistemas.

Nas maquinas a vapor, a caldeira e o foco apenas fornece, á maquina, 60 % do calor adquerido; num motor a gaz pobre, ha uma perda de 20 %. No motor Diesel, porém, a perda de calor é inferior a 10 %, visto que o unico auxiliar para o seu funcionamento é um compressor de ar, de alta pressào.

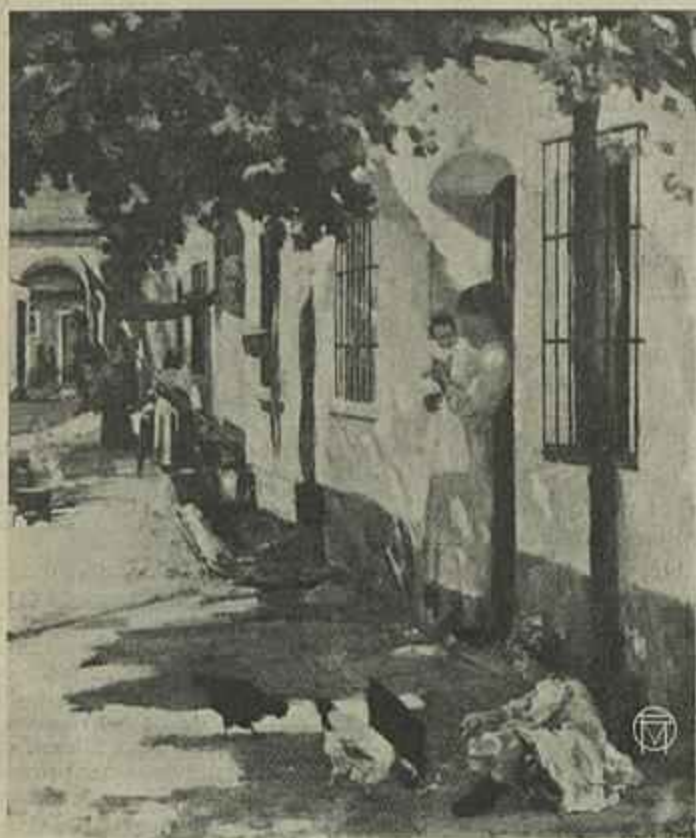
E' sabido que, quando um gaz comprimido se aquece e este é detido, aumenta de volume, repelindo tudo que se opõe ao seu movimento, produzindo assim o trabalho no pistão de uma maquina. O trabalho ou esforço, é representado por kilogrammetro, sendo necessarios 75, por segundo, para produzir um cavallo vapor.

O aumento de volume do gaz, por diminuição de pressào, provoca uma baixa de temperatura, á maneira que o trabalho se acentua, e quanto maior for esse aumento de volume, maior será o rendimento em trabalho na maquina. E' o que succede com o motor Diesel.

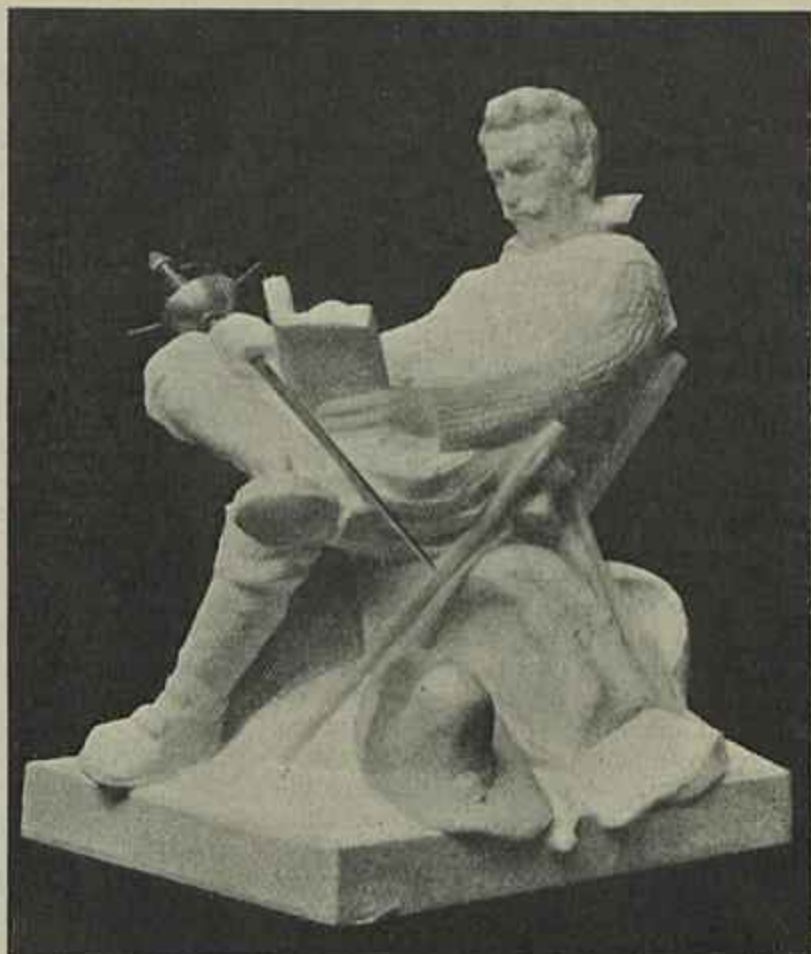
Tomemos um motor vertical, para exemplo. No primeiro curso decendente do embolo, o cilindro, por aspiraçào do pistão, enche-se de ar puro, que entra por uma valvula; quando o pistão sobe, esse ar é comprimido até 35 atmosferas, o que origina ao ar, a produçào de uma temperatura superior á temperatura da inflamabilidade dos vapores dos oleos pesados. Terminada a compressào, convem transformar o calor em trabalho, por meio de uma expansào da massa gazona, e para isso injecta-se no cilindro o oleo pesado, pulverisado. A combustào é rapida e completa; dando-se depois a detensào dos vapores, e quando o pistão atinge o fim do seu curso, os gazes a expulsar occupam um volume 15 vezes maior que o volume inicial comprimido. Fazendo subir de novo o embolo, os gazes saem para a atmosfera. Para atingir esse fim, são necessarios quatro cursos do embolo (ciclo de 4 tempos).

Nestes motores, pode ainda utilizar-se um ciclo de 2 tempos, economisando-se tempo, sem prejuizo de trabalho, aproveitando-se o momento dos gazes se escaparem, para lançar no cilindro um volume grande de ar comprimido que substitue o gaz que se escapou, e então o gaz é expulso por meio da valvula, mas por uns orificios existentes nas paredes do cilindro.

ANTONIO A. O. MACHADO.



PATEO CHEIO DE SOL, EM SEVILHA
Quadro de Mario Barbosa
Pintor brasileiro



LEITURA DOS LUSIADAS
Marmore do escultor Luigi Betti
Adquirido pelo sr. Dr. Affonso Arinos



VELHA IGREJA DE MORET
Quadro de José W. Rodrigues
Pintor brasileiro



NO PARNASO
Quadro de Simões da Fonseca
Pintor brasileiro



RETRATO DO ACTOR CARLOS SANTOS
Alves Cardoso



SONATA DE MOZART
D. Adelaide de Lima Cruz

A meio d'este mês, e com toda a precisão cronológica, abriu festivamente á curioseima cidadina, hi no palácio espartano da Sociedade Nacional de Belas Artes, a décima primeira exposição anual.

Alto e baixo, lés a lés, a abrir-nos caminho de honra para as salas do certâme, a Rua de Barata Salgueiro adormecida entre dois renques verduscos de tilias, aromáticas e trémulas de scintilações argentinas, estira até a Avenida, com a mais lenta das preguiças simbólicas, a larga faixa de passadeira côr de cinza morta, que o sol vibrante de Maio inunda de luz.

Máio, soberano da côr, luminoso, mês da nascença da divina Flora dentro de um açafate cheio de rosas frescas e de morangos de Sintra, — que, provincia fóra, os peizes saúdam ao alvorecer, cobertos de suor, acobreados pelo sol, vestidos de giestas flo-



CABELOS DE OURO
Martinho da Fonseca

ridas de ouro, lembrando pequeninos Fauros, a cantarem e dançarem o *Maio moço*..

Foi o *Salão* português que se abriu de par em par. E as reproduções gráficas de trabalhos nêle respigadas, vem trasbordar as revistas capitalejas, enquanto nos chegam de fóra imagens de pinturas dos *Salões* da estranja.

Em usanças do *ancien régime*, havia duas datas de prestígio prosopopéico, prefixadas para o estreio elegante de vestimentas de estação. — Páscoa, e *Corpus*. Isto cá e lá,

Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?... mundo infinito...

Não sei se o *Salão* desperta qualquer furor indumentário da moda indígena, mas seria por ventura precoce o prelúdio de verão, — em critério de *tailleurs et tailleuses de Dames & Messieurs*, que não pela graça do criador, — e serôdia teria vindo a apoteose vernal.

Como quere porem que haja sido, o Presidente da República fez a inauguração solene da exposição. Fóra anunciada por cartazes esquineiros, e por bilhetes de convite a sócios, amigos e a admiradores. Os cartazes ficarão celebres *ad vitam aeternam* como consagração official do aforismo:

— Em casa de ferreiro espêto de pau. —

Estão uma obra abaixo de toda a crítica: reclamo como são — em tipo — de festa pilha em beneficio de rabiosos de prestidigitação. Nos cartazes de corridas appareceu um gravado, genero de *ex-libris*, que, para brasão sindromático de uma Sociedade Nacional, desnuda a *Venus de Milo* mais miúda que em dia meu vi; para definir nacionalidade creio haver muita abstracção; para culminância artística é certo



RETRATO DA EX.ª SR.ª D. BARBARA VENTURA
Pedro Guedes.



LAGRIMAS SILENCIOSAS
Almeida e Silva.

muita afinidade com o elevado critério do sr. Macieira.

Mas o *Salão* abriu, é o que se sabe, — e é o que vimos, chegando até lá.

Se não fosse a índole pacífica deste OCCIDENTE, simpático ancião de cabelos de neve; e não respeitasse eu a calma do ambiente da sua existência; — muito de acre teria a dizer do valor das obras que encheram de armazem as salas da exposição.

Faltassem Frey Columbano, e uma dúzia de boas almas da feliz *Ala dos Namorados* que um ideal tem e num sentimento ardem, — a exposição seria visitada pelos brasileiros de torna pé, e pelos ociosos que entram em toda a parte. Pouco mérito valeria aos que buscam na Arte mais luz e calor do que técnica e moda.

Em Portugal, ha o prestígio teimoso das coisas teias, e recusa-se reconhecer a decadência das evoluções que ultrapassaram a cúspide da sua trajectória. Mas o rifão préga como S. Tomás: — cria fama e deita-te na cama. E o mundo continúa a girar.

A exposição de 1913 mostrou-se mais homogénea e equilibrada.

O público tem o culto rudimentar da arte que traz cor e forma evocadoras, e nada mais pode querer, abstémio como está da grande comoção visual do expressivo artístico. É a Sociedade Nacional que compete esclarecê-lo, o que todavia não realizará sem uma selecção rigorosa. A bem da Arte; — a bem do país onde houve escolas de Belas Artes que se precisam, se definem, e se admiram; — a bem do nome da Sociedade Nacional, cujo *Salão* tem de ser uma coisa que se visite com agrado, e onde não deverão entrar *pecados mortais*, — a selecção impõe-se.

Este ano, se a tivesse havido como é de força,

a exposição perdia em quantidade, e muito, mas ficaria de qualidade superior. Era só lucro, e um lucro plurinominal.

Columbano, digam o que quizerem os invejosos, — e algo de picaresco se diz em relação ao presente — é o Patriarca da arte actual da pintura no nosso país. A obra deste homem passou já do que é licito discutir. Não é um prestígio criado, antes sim uma obra ascendente imposta, e um valôr técnico e estético acima de todos os valôres. Um quadro de anos tem nêlo o vago encanto da última novidade. Ele só, — vale a exposição inteira, e o cansaço de chegar lá, pela frente de tanto zero, esquece-se de bem perdoado.

Os outros mestres ou se esquivam ou dão coisas de valôr abaixo. Carlos Reis, Salgado, Vaz, José de Brito, tinham obrigação de se fiar mais no que apresentassem do que na fama de mestrança. Condeixa está cada vez mais meticuloso, mais preciso, mas as suas obras não encantam, são frias como gelo, detalhadas como um positivo de Biel. Malhoda salvou com um só quadro, este ano, o trambulhão do ano passado; lembrou-me saudosamente e com agrado: os *Bebedos*, a *Velha Fiando*...

Dos novos ha gente boa em que se espera, e boa honra dão aos mestres. Se prazer por isso estes houverem, salva los á bastamente o nome dos discípulos. Em paisagem, em retrato, em género, ha coisas boas, valha-nos Deus.

Alves Cardoso está numa forma esplendida: retratos soberbos, *ar livre* cheio de cor. Simão da Veiga tem retratos magníficos, sem ser porém feliz no *Triste caminhar*. Martinho da Fonseca deve ser bem o *enfant gâté* de Columbano: delicado nas cabeças de criança, nas flôres que são as melhores das salas, retratos bons, e uma *Leda* cheia de sinfônica volúpia da cor.

Bonvalot com dois bons retratos e um bom nú

columbanesco, decae na grandiosidade decorativa do *Romanticismo*, da técnica boa de mestre Salgado, mas inferior de expressão. Paisagens, e as melhores, de Antonio Saúde que muito se afastou de Trigo, monótono este e irritante, — *ingénuo* como ouvi dizer lá. Viana tem qualidades mas deve deixar-se de impingir-nos por tipos portugueses as figurinhas de Zuloaga.

Dórdio avançou muito, ofereceu á vista dois retratos bem pintados, mas se tem expressão nos outros trabalhos, falta-lhes desenho. Raul Carneiro levou ali um estudo, e é pena que empregasse uma técnica louvável em coisa de somenos. Abel Manta expõe um auto-retrato que o salva na aluvião. Lucena com algumas manchas de paisagem larga, Calderon com outras paisagens que merecem mais mistério e menos vibração caldeante, outras ainda de João Reis e ás vezes Lacerda.

Da avalanche de senhoras salva-se D. Adelaide Lima Cruz, na *violinista*, Philomena de Freitas, D. Sofia Baerlein. — e na escultura, com o *Garoto dos Jornais*, D. Ada da Cunha.

Mestre Costa Motta faz por si a secção da escultura, cheio de ternura e encanto: — a *Meditação*, o *busto da Sr. Duqueza de Palmela* e o *Cavador*, estão á altura das coisas magníficas. Costa Mota (sobrinho) dá uma *estatueta* de graça rústica. Simões d'Almeida (Sobrinho) expõe um delicioso busto de criança. Pacheco de Castro mostra qualidades, mas nem tudo é ouro naquele gracioso corpo de criança. O *busto do Dr. Costa Ferreira* é felicíssimo.

Ha mais umas figurinhas de Ernesto do Canto, serpentiformes de delicadeza e eloquência. Em baixo umas *hipóteses* architecturais, bem lançadas e equilibradas, de Edmundo Tavares, — e outra vez a Rua de Barata Salgueiro, com árvores, passadeira, sol, electricos ao cimo e ao fundo...

21-5-914.

LUIS CHAVES.

Teatro Nacional Almeida Garrett

Homenagem á Memoria do actor José Carlos dos Santos

Prepara-se o Teatro Nacional para inaugurar um busto do actor José Carlos dos Santos, com uma recita excepcional, em homenagem á memoria do grande artista.

Recordar José Carlos dos Santos é recordar a época mais gloriosa do teatro português.

A geração actual mal poderá compreender o brilho que o nosso teatro teve ha quarenta anos passados, quando nos seus palcos figuravam Emilia das Neves, Manuela Rei, a velha Barbara, Delfina, João Anastacio Rosa, Epifanio, Tasso, Sargedas, todos mestres, de que José Carlos dos Santos, foi discípulo, e, depois, por sua vez mestre de actores em que se destaca como o que mais o honrou, o genial Antonio Pedro!

Carlos Santos estreando-se, em 1851, no antigo teatro de D. Maria, hoje Nacional, com o drama *Glúgi*, apparecia ao publico, ainda subordinado á antiga escola de declamação, mas não tardou que dela se emancipasse, mercê de seu talento que lhe fazia antever a grande reforma do teatro moderno, o que melhor satisfazia ao seu sentimento.

Foi a Paris, por umas tres vezes, e muita luz se aclarou em seu espirito vendo os grandes artistas e ali deu largas á propria inspiração que fez dele o grande actor moderno português, que veio fazer escola.

Muito modestamente escreveu Carlos Santos no seu *Album*, já entre as torturas da doença que o victimou: «Não tenho vaidades, se dei educa-

ção teatral a alguns, eu tambem a recebi dos meus colegas mais antigos.»

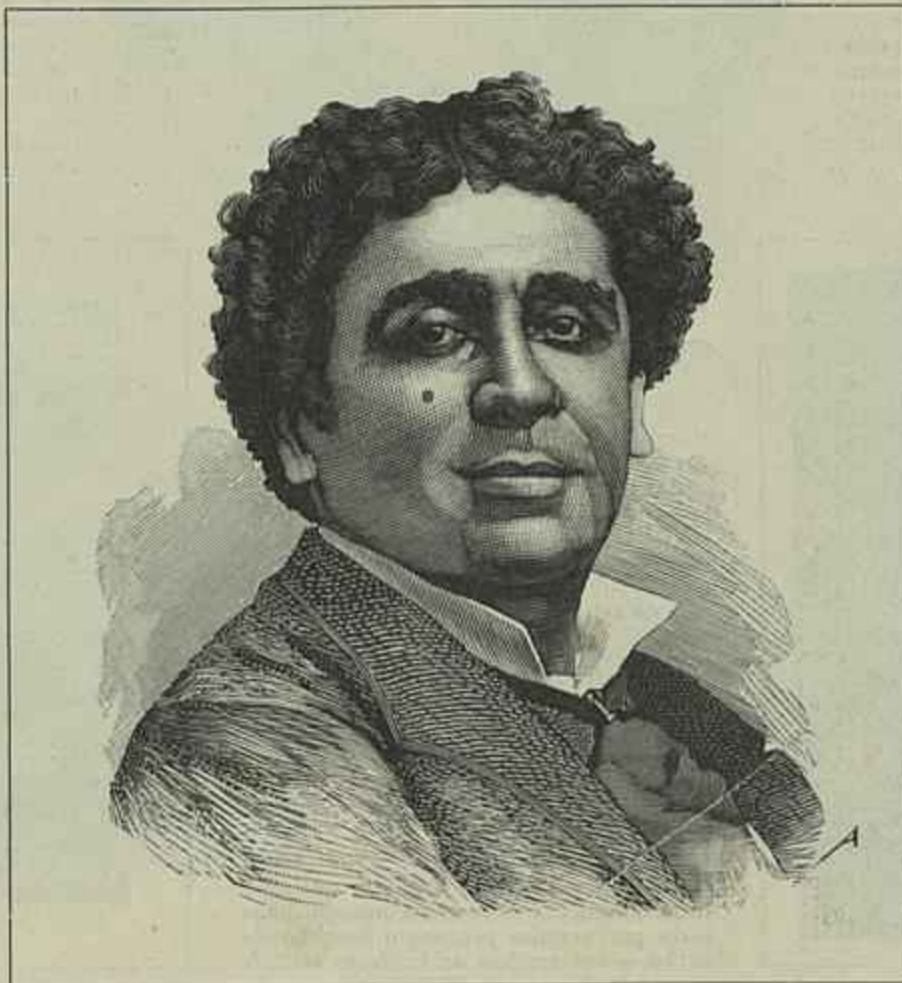
Como ele denuncia, no seu *Album*, o genero

que mais o atraia era o tragico, admirando sobre tudo Salvini e Rossi; entanto, Carlos Santos nunca se aventurou á tragedia, confessando no seu *Album*: «Se eu tivesse forças, se eu pudesse... mas o monstro (trata do *Othelo*) pôde esmagar-me; ainda tentei por doses homoeopaticas ver se conseguia domesticar a fera. Fiz-lhe um cerco com o *Frei Luis* e o *Antony*, mas a arca do peito ainda não tinha poder sufficiente, e os pulmões e a laringe podiam atraiçoar-me... portanto recuei... resignei-me... fugi... não me envergonho de o confessar.» E logo acrescenta: «Triste do que, tendo de fazer um papel de tal ordem, vá na esperança de que os mais lhe digam: fez o que poude. Ali não ha meio termo: ou vencer ou morrer.»

Grande lição contem estas palavras do mestre, para tanta modestia que para ali se observa.

Entanto, Rossi reconheceu em Carlos Santos o grande artista, e de igual para igual o considerou e o respeitou.

Poucos serão vivos dos que o viram representar no belo repertorio de: *Maria Antonieta*, fazendo o inolvidavel Luis XVI, que tão bem se casava ao seu fisico; nos *Dramas do Povo*, *João o Carteiro*, *Patria*, *Amores de Bocage*, *Vida de um rapaz pobre*, *Tartufo* e, por fim, *A Leitora*, quando a cegueira já o tinha inutilizado para a scena, que foi como que o prologo do ultimo drama da sua vida, a horrorosa doença que lhe roeu os ossos em vida antes que a terra os consumisse!



JOSÉ CARLOS DOS SANTOS, EM 1874



TARTUFO



LUIZ XVI



AMORES DE BOCAGE

Desenhos originaes de Manuel de Macedo

Recordar Carlos Santos é recolher subsidios para a historia do teatro moderno português ainda por fazer. Nenhum outro artista tem nela parte mais primacial.

Molier não teve melhor interprete para o seu *Tartufo*; nenhum outro actor português reproduziu melhor na scena esse historico e infeliz rei Luís XVI, no drama *Maria Antonieta*; não se terá apagado da lembrança daqueles que o viram, o original tipo de *João, o Carteiro*, como a sua gloriosa interpretação nos *Amores de Bocage*, tudo generos diversos e opositos, que José Carlos dos Santos dominou e de que triunfou.

Se o actor foi genial, não o foi menos o mestre, dando-se por felizes os que receberam as suas lições, alguns dos quaes ainda hoje brilham no teatro nacional reanimando a fraca luz da sua decadencia.

Dominado, apaixonado pela sua arte, ele foi, no primeiro periodo da sua doença fatal, que principiou pela cegueira, representar ao vivo o protagonista d'*A Leitora*, com sua mulher e carinhosa companheira da vida, a actriz Amelia Vieira.

Com aquella representação, Carlos Santos dizia o seu ultimo adeus ao palco e nenhum outro artista o fez mais gloriosamente, exercendo sobre os espectadores toda a influencia da sua arte reforçada pela triste realidade da sua situação!

Forçado a trocar o palco pelo quarto de doente, conformou-se com a sua sorte... e não deixava de se interessar pelo teatro. De tudo o que no teatro se passava queria saber.

Amelia Vieira tornara-se realmente a paciente e dedicada leitora do drama que com ele representára. Lia-lhe os livros, as revistas, as peças teatraes, e o pobre cego por vezes entusiasmava-se, erguia-se da cadeira ou da cama, abrindo estranhamente os olhos, a fitarem o vago, na ancia de vêr, e gesticulando, como se estivesse a representar, sentia-se transportar aos tempos em que todo vivia para a sua querida arte, tendo a ilusão de que ainda para ela vivia.

Eram momentos felizes, parecendo rejuvenescer, voltar-lhe a alegria da vida passada e esquecer o proprio sofrimento.

Um dia veio para ele de maior provação; ao entrar num copé para ir assistir a um exame de uma sua filha, no Conservatorio, quebrou uma perna. Eram os estragos da doença que progredia. Recolheu de vez á cama, onde os ossos se lhe foram quebrando sucessivamente, como casca de ovo, ao mais leve movimento. No meio deste sofrimento doloroso, inquisitorial, ele desafogava a sua dôr gritando pela sua companheira carinhosa. Eram gritos de alma que sintetizavam as recordações do passado, da sua Amelia, dos seus filhos, da sua arte, que lhe dêra dias felizes, e por fim dos amigos que o acompanharam até á morte.

As glorias do actor correm de par com as do orador; um e outro tem o raro goso de assistir aos seus triunfos, quando com o calor da sua palavra vibrante e gesto expressivo, arrebata as multidões que os aplaudem até ao delirio. Mas o triunfo é tão grande como, muitas vezes, o esquecimento, porque a obra desses artistas da palavra morre com eles e a sua recordação facilmente se apaga da memoria.

Nestas rapidas notas que ficam aqui, a proposito da comemoração que vae ser feita, apenas se refletem tenues raios da brilhante luz daquele espirito.

O amor carinhoso de um filho, entertece agora em torno do busto de seu pae as flôres dispersas que lhe deixou da sua memoria, tributarias do seu talento. E' a exposição de tudo que se relaciona com a vida do artista e que para muitos será surpresa.

E' seu filho, Carlos Santos, tambem, que muito se tem empenhado, como na recita extraordinaria que vae realizar-se, em que tomam parte Amelia Vieira, viuva do grande actor, Virginia, Ana Pereira, Alvaro e Queiros, actores de ha muito retirados da scena, e outros artistas gloriosos do teatro português.

E' uma noite festiva no palco do mesmo teatro, que José Carlos dos Santos illustrou com o seu talento.



J. CARLOS DOS SANTOS E AMELIA VIEIRA
NA «A LEITORA»

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sáccem))

Segunda parte

VIII

CALVARIO D'AMOR

(Continuado do numero antecedente)

Subindo a escada da casa de Anna Le Cozan, Lescourias relia uma noticia d'um jornal da manhã que dizia o seguinte: «Hontem á noite na recita da *Sociedade Philarmónica* aconteceu um caso que encheu de tristeza todo o auditorio; a conhecida cantora Le Cozan foi atacada de uma aphonía que a impossibilitou de cantar. Todo o publico, viu claramente a tristeza da grande artista, que nos dizem, trabalha agora para o theatro.»

Na columna seguinte estava a seguinte local: «O concerto em casa do principe Letesky foi muito brilhante. Foi notavel a cantora Salviane da *Opera*, que cantando *Atravez do Oceano* de Fombreuse, alcançou um vivo successo! Felizes os compositores com um tal interprete.»

— Não sei se a senhora poderá receber, disse Maria José com aspecto triste.

— Diga-lhe que sou eu, está doente?

— Está muito cançada.

D'ahi a pouco Lescourias entrava para a sala.

Anna que estava escrevendo junto de uma janella, virou as costas para a luz afim de Lescourias não lhe ver os olhos vermelhos de ter chorado.

— Venho saber como está, não foi nada, não é verdade?

— Agradeço-lhe o seu cuidado, não calcula...

— Poderá contar comigo.

— Como as más noticias correm logo! Os jornaes já fallam do caso?!

Lescourias mostrou-lhe o jornal.

— Tem razão, a minha voz desaparecia, fôram momentos horriveis.

Lescourias abriu mais o jornal para que os olhos da cantora vissem a outra noticia.

— Tem graça...

— O que foi?!

— Na mesma noite, cantou-se uma obra de Fombreuse com um grande interesse.

— Merece-o bem.

— Aposto que não sabe quem foi a artista... a Salviane!

— A Salviane?!!

— Leia a outra columna.

— E' um rapaz que possui a arte de fazer carreira.

— Quando o caminho é recto...

— É não recua perante os meios...

— Quaes meios?

— Dizem que está em boas graças com a Salviane, e até se diz...

— Foi para isso que subiu a minha escada? Vivo muito longe das intrigas dos bastidores, e creio que Fombreuse é a mesma coisa.

— Engana-se, Fombreuse é um rapaz que sabe captar sympathias.

— Não esperava essas palavras do

sr. Lescourias, demais um seu amigo, creio eu...

— Amigo... não sei.

— Mas é um amigo meu.

— Acredita?

— Vejo que o senhor vem incumbido de uma acção bastante vil!

— Acredita que só o interesse...

— Qual? O meu ou o seu?

— E' melhor retirar-me, está hoje com muito mau genio.

— Defendo aquelles que são atacados; não se esqueça do jornal.

Lescourias sahio um pouco embaraçado, e pensou quando descia a escada:

— Estas mulheres amorosas...

Anna ficou indignada e chamando Maria José disse:

— O meu chapéu e as luvas.

— A menina vae sahir?! Até que emfim, hade fazer-lhe bem.

Chamou uma carruagem e foi a casa de Steinbaum.

Logo que chegou foi logo para o quarto onde estava Lisbeth trabalhando.

— Steinbaum não está?

— Minha bôa Anna está lá dentro a trabalhar, não sente o martello a bater no cobre? Elle não gosta muito que o interrompam quando trabalha.

— Voltarei qualquer dia.

— Vejo a bastante abatida.

— Minha pobre Lisbeth, tens perante vós uma creatura bastante desgraçada, perco a minha voz...

— Está perdendo a sua voz?! Oh! vou chamar Steinbaum. Rudolfo!... Rudolfo! Não responde, está no seu paraizo... Rudolfo!...

— Deixe-o, Lisbeth, ficará para outra vez.

— Pôde ser agora, e é melhor.

Foi bater á porta, e a cabeça do gravador appareceu com aspecto interrogativo.

— Minha Lisbeth tu sabes que não gosto que me chamem...

Vendo Le Cozan.

— Perdão, estou ao vosso dispôr.

— Eu é que devo pedir-lhe desculpa.

— Sr. Steinbaum, venho dizer-lhe que me sinto desgraçada...

— Sim...?

— Vejo que não me ouve.

— Tome attenção, meu Rudolfo, desce das nuvens.

— Ainda desgostos? O seu rosto traduz tristeza.

— Ah! meu caro, preciso abandonar a minha arte.

— Mas, que resolução é essa?

— Não é uma resolução, mas antes uma condemnação, não posso cantar.

— Que está dizendo?!

— A minha voz naufragou nas lagrimas.

Então, Anna contou toda a historia do concerto.

— Essa aphonía passa com algum tempo de repouso.

— Não, a minha voz está gravemente doente; nada lhe pode valer. Bem vi na casa do medico esta manhã.

— Mas talvez outra pessoa...

— Elle é um sabio e meu amigo, sabe o que elle me disse? Cure a doença do coração que é muito mais grave do que a da voz.

— Minha pobre amiga, não deve desesperar.

— Ah! Steinbaum, se não pudesse cultivar a sua arte, não se sentiria infeliz?! Ainda tinha os seus, enquanto que eu... na mesma noite a Salviane cantava as melodias de Fombreuse, dizem que é sua amante.

— Uma rapariga como vós, Anna, nascida de raça valorosa e fiel, encontra no coração a força que salva.

— Deus abandona-me... ah! meu Christo de Pleumeur! Tantas vezes rezei, já não tenho forças para lutar.

— Luctarei eu por si, finja demonstrar perante todos que possui uma alma grande para as dôres da existencia. Amanhã irei a sua casa, desejo que cumpra uma nobre missão.

— Obrigada, Steinbaum, de ter fé no meu character. Pensava em voltar para a Bretanha, agora espero pela sua visita.

— Este Redolfo tem sempre boas palavras para dizer! Quantas vezes elle me dá animo em horas bem tristes da minha vida.

Depois do meio dia, Steinbaum bateu á porta de Fombreuse.

— Está a trabalhar?

— Pelo contrario, estou pensando comigo proprio.

— Como Está Wolfram?

— Muito fraco, o dr. Marsan esteve lá e até sahimos juntos.

— Que pensa elle?

— Que é um organismo fraco, necessitando de uma pessoa dedicada e carinhosa junto d'elle. Elle ainda está com o espirito muito lucido. Compoz ha dias um *scherso* intitulado *Sonho da minha noite na terra*, que me tocou no piano e que é uma maravilha.

— Mas o medico pensa que elle poderá viver?

— Mezes, apenas; um anno talvez, por milagre. Em nossa casa, talvez se curasse.

— Anna veio hoje á minha casa, a desgraça está sobre ella.

— O que me diz?!

— Oh! pobre rapariga! Não pode cantar.

— Como me sinto culpado! Serafina encommodar-se-ha muito quando souber.

— Os jornaes já fallam, e até no successo da Salviane...

— Steinbaum, não faço senão mal.

— Anna conhece o vosso romance com a Salviane.

— Anda por ahi Lescourias!

— Não foi Lescourias que praticou a falta...

— Vejo que já não sente por mim aquella amizade antiga, Steinbaum!

— Veja, Fombreuse, como os vossos erros cahem sobre cabeças innocentes. Devemos sempre pensar a serio no menor acto da nossa vida, afim da consciencia permanecer sempre tranquilla.

Fombreuse, de pé junto da janella, ouvia as palavras severas de Steinbaum.

— A amizade verdadeira, meu caro Fombreuse, possui uma certa franqueza que ás vezes não agrada.

— Oh! meu caro Steinbaum, recebo com respeito os seus conselhos.

— Siga outro rumo de vida, largue essa mulher...

(Continúa.)

Concurso Hipico Internacional

Semana de corridas foi a que decorreu de 16 a 24 do corrente.

Concurso mais brilhante dos que ha anos se vem realisando, por este mez de grande luz e de flôres, que tudo alegre e anima de maior intensidade de vida.

Era de vêr o hipodromo de Palhavã que, durante aquelas tardes, foi o ponto de reunião da melhor sociedade de Lisboa, enchendo camarotes e bancadas, honrando com a sua presença algumas das corridas o sr. Presidente da Republica, extremamente interessado neste genero de desporto.

O programa foi belamente organizado, havendo algumas novidades, como a de saltos por tres que foi bela afirmação do valor dos concorrentes equitadores.

Distintos cavaleiros, com seus cavalos disputaram premios.

Portuguêses e estrangeiros portaram-se briosamente, aumentando reputação adquirida, como Jara de Carvalho, Lusignan, Carlos Veloso, Barroso Camara, capitão Silveira, Amavel Granger, Santos Guerra, Afonso Botelho, Jayme Alto Mearim, Julio Oliveira, Henrique Constancio, Antonio Calheiros, Delfim Maia, etc., tendo concorrido o tenente francês Mr. Du Costa, marquês d'Orgeix e espanhol sr. D. Pedro Goyoaga.

Na prova *Omnium* o 1.º premio foi ganho pelo tenente Jara de Carvalho, o 2.º capitão F. Lusignan, 3.º Carlos Veloso, como os mais importantes.

Equipes, Amazonas e Saltos por tres.
— A prova *Amazonas* só concorreu a

sr.ª D. Maria do Carmo Reis, a qual fez quatro percursos em que provou mais uma vez suas reconhecidissimas aptidões e magnificas montadas. Na de *Saltos por tres*, alcançou o 1.º premio o grupo formado pelos srs. capitão Silveira Ramos e tenentes Jara de Carvalho e José Alverca. Prova *Nacional*, muito disputada, havendo 32 inscrições, e sendo os premios de 700\$000 e

300\$000 réis, foi 1.º classificado o tenente sr. Henrique Constancio, numa egua da coudelaria do sr. Conde de Sobral; 2.º, tenente Jara de Carvalho, num cavalo da mesma coudelaria.

Grande premio de Lisboa. Prova das mais dificeis e muito disputada, para a qual havia 48 cavalos a tomarem parte no certamen, não conseguindo nenhum fazer o percurso limpo. Apenas o *Alyear* do sr. F. Lusignan o fez, marcando só uma falta, em 2^m, 14 ³/₁₀, ganhando 1.º premio, 1:000\$000 réis. O 2.º premio, 600\$000 réis, coube ao sr. D. Pedro Goyoaga, no *Contorra*.

Campeonato de altnra. Correram 6 cavalos, cabendo o 1.º premio, 100\$000 réis, ao *Vendeen* montado pelo sr. D. Pedro Goyoaga; 2.º premio, 5:0\$000 réis, ao *Elmo* montado pelo sr. Jara de Carvalho.

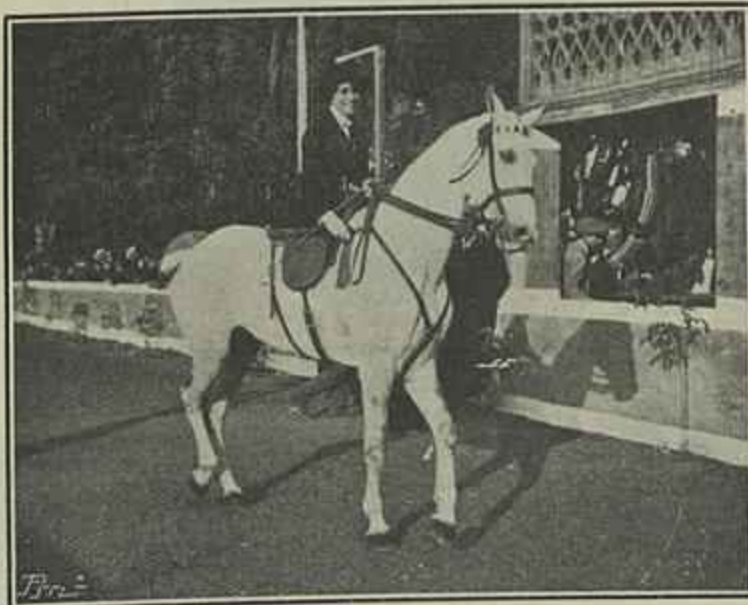
No *Percurso de Caça*, foi vencedor o sr. D. Pedro Goyoaga, no *Vendeen*, sendo classificado em segundo lugar o *Eclair* do sr. Julio Oliveira.

Taça de Honra. Este premio, dos mais disputados, coube ao sr. tenente Constancio, na *Divya*.

Comprovou-se no concurso deste ano maior numero de concorrentes, programa magnificamente organizado e rigorosamente cumprido, a par de concorencia de publico superior á dos anos anteriores.

A Sociedade Hipica Portuguêsa viu assim coroado do melhor resultado todo o seu trabalho para desenvolver em Portugal este genero de desporto de grande utilidade.

.A



D. MARIA DO CARMO REIS, NO FLORETE
Prova de Amazonas



PROVA NACIONAL.
1.º premio H. Constancio



EQUIPES
1.º premios, Constancio, Lusignan
e Pereira Couinho



SALTOS POR TRES
1.º premio, grupo do capitão Silveira Ramos,
tenentes Jara de Carvalho e José Alverca

O MEZ METEOROLOGICO

Abril, 1914

Barometro — Max. 773^{mm}.1 em 5.

Min. 753^{mm}.6 em 13.

Termometro — Max. 26° 4 em 25.

Min. 8° 3 em 19.

Chuva — 35^{mm}.9 em 12 dias.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado
7 dias.

Ceu nublado 22 dias.

Ceu encoberto 1 dia.

Vento dominante — N NW.

Granizo — Em 11.

Trovoes — Em 27.

A negação do azar

Por Victorino Coelho, 2.ª edição, 1 vol. de 196 pag., edição da casa Ventura Abrantes, com o retrato do autor, \$400 réis.

Registando hoje a aparição da segunda edição do livro cujo titulo encima esta noticia, é nos grato fazer algumas considerações sobre a obra de propaganda que ele representa e que constitue um violento esforço num meio tão acanhado e indifferente como o nosso.

Por isso, pondo de parte o que poderíamos dizer ácerca deste livro, cuja melhor critica está feita no facto de ser necessaria uma segunda tiragem, o que — mais do que todos os louvores — é uma verdadeira consagração, preferimos elucidar os nossos leitores a respeito do *Grémio do Método Dolivaes*, sob cujos auspícios foi publicada esta obra.

Ha mais de doze anos que o sr. Dolivaes Nunes vem pugnando com toda a perseverança a favor da extinção radical do jogo, ensinando nas suas numerosas publicações a evitar as armadilhas dos banqueiros e a empregar o seu método que tiraria a esses exploradores todos os desejos de fazer banca.

Depois de ter gasto quantias importantissimas em subsidiar as publicações de todos aqueles que quizeram vir enfileirar-se sob o mesmo lema dos seus ideais, resolveu fundar uma sociedade de propaganda contra o jogo, que adoptou o titulo que acima mencionamos, e que está indicada para desempenhar um relevantissimo papel na existencia do terrivel flagelo.

Entre os seus associados distingue-se o sr. Victorino Coelho, já pelo entusiasmo nunca desmentido da sua propaganda, já pelas suas brilhantes qualidades de escritor que mais uma vez se afirmou neste belo livro que temos presente.

A secunda-los nos seus esforços de elevatado humanitarismo, tiveram os dois beneméritos — o autor do Método e o seu ilustrado continuador — a activa intelligencia do nosso amigo o sr. Ven-



DOLIVAES NUNES



VENTURA ABRANTES



VICTORINO COELHO

tura Abrantes, que poz seus bons cuidados na edição deste útil livro.

E' com o maior prazer que publicamos os retratos dos tres apóstolos desta abençoada propaganda, a que um deles—o sr. Victorino Coelho—já chamou *Uma cruzada moderna*.

Dolivaes Nunes, com a descoberta do seu Método, Victorino Coelho, com a sua incansável propaganda, e Ventura Abrantes, com a laboriosa e incessante actividade que todos lhe conhecemos, são os infatigáveis pioneiros d'esta filantropica tarefa.

Agradecemos o exemplar que o autor nos enviou.

O Direito.—*Homenagem a José Luciano de Castro.*—Maio, 1914.—72 paginas, duas photographuras e um fac-simile d'auto-biographia.

Agradecemos este numero da *Revista de Jurisprudencia*, fundada por J. L. de Castro e Antonio Aives da Fonseca em 1868 e dirigida pelo illustre jurisconsulto até ao dia da sua morte. E' uma alevantada e sentida commemoração do passamento d'aquelle eminente estadista, sobre cuja campã alguns dos seus muitos admiradores e amigos vieram, a convite da redacção d'*O Direito*, derramar lagrimas de profunda saudade e eterna veneração. Nessa bella homenagem, prestada pelas pennas mais brilhantes da litteratura, da politica e da magistratura, assignalam-se alguns dos actos mais proeminentes da longa e trabalhosa existencia do fallecido estadista. Esta publicação constitue por isso um valioso subsidio para a historia politica da nossa nacionalidade, durante os ultimos cincoenta annos. Collaboraram no presente numero os srs. conselheiros: Campos Magalhães, Alexandre Cabral, Antonio Cabral, Antonio Candido, Pinto Osorio, Carlos Ferreira, Francisco Beirão, D. João de Alarcão, João J. da Silva, J. de Mello Ribeiro Pinto, J. da Cunha Navarro de Paiva, J. de Vilhena, Moreira Junior, Oliveira Guimarães, Pereira de Miranda e Sebastião Telles; drs. Arthur de Carvalho, Abel Abreu, Adriano Anthero, Alfredo da Cunha, Homem de Mello, Horta Osorio, Armelim Junior, Azevedo Souto, C. de Figueiredo, Catanho de Menezes, Cunha e Costa, D. Pinto Coelho, E. Burnay, Garcia Diniz, Julio Dantas, M. d'Oliveira C. e Castro, Nunes da Silva, Pinho d'Almeida, Tavares Festas, Teixeira de Queiroz, Vicente Monteiro e os srs. Conde d'Agueda, de Bertiandos, de Sabugosa, de Penha Garcia, Visconde de Carnaxide, H. Lopes de Mendonça, general Mathias Nunes, Oliveira Mattos, Moreira de Almeida Ramalho Ortigão, etc.

Artur Napoleão—*Resenha comemorativa da sua vida pessoal e artistica*, por Sanches de Frias, da Academia das Sciencias de Portugal, da Sociedade de Historia Internacional, de Paris, etc., etc. Edição promovida e subsidiada por amigos admiradores do artista. Lisboa, 1913. Volume de 296 paginas in-8.º com 13 estampas em separado.

Como o titulo indica, este livro é a resenha da vida do genial artista que a patria portugueza embalou no berço dos primeiros anos com aquele carinho especial de que são credores os espiritos iluminados logo ao alvorecer da vida, que a mesma patria admirou nesse alvorecer e que, foi por essa Europa colher triunfos na idade em que tantos outros artistas mal ensaiam ainda os primeiros vôos de suas aspirações.

O sr. Sanches de Frias acompanha, no seu livro, Artur Napoleão, desde o berço até a apoteose do artista que lhe foi feita na cidade do Rio de Janeiro, em 1907, pelo *Instituto Nacional de Musica*, numa sessão solene comemorativa do quinquagesimo aniversario do primeiro concerto que ele ali deu.

O Brasil foi uma segunda patria de Artur Napoleão, pois que acolhendo-se áquele grande país depois de ter ganho fartos louros na sua peregrinação pela Europa, ali restabeleceu residencia e recebeu os mais ferrentes aplausos ao seu talento, como nas principaes cidades da America do Sul, sendo por fim consagrado pela grande e significativa apoteose que um instituto musical podia fazer a um pianista insigne.

Mas nem tudo foram glorias; Artur Napoleão tem passado vicissitudes em sua vida, que nunca deixam de acompanhar os grandes talentos, e a estas se refere o autor, como quem bem conhece o glorioso artista, o que torna extremamente interessante este livro e pelo que felicitamos o sr. Sanches de Frias.



Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa. N.º 4 do vol. III, abril de 1914. E' este boletim elaborado por um corpo de redacção composto dos srs. D. Luis de Castro, C. da Cunha Coutinho, José Eduardo Gomes, J. V. Paula Nogueira, Rui Ferro Mayer e Joaquim José de Azevedo.

O sumario dos artigos é: *A porta aberta de Angola; Revista agricola; As colicas do cavallo e o seu tratamento; Festa da Arvore; Movimento associativo; Ainda a defesa contra as doenças das plantas; Mostuario dos productos agricolas em Bruxelas; A Exposição Nacional do Panamá; A proposito da «questão das carnes» da cidade de Lisboa, etc.*

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904

Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888, Paris 1889, Helem 1893, Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Heroico contra todas as afeções dos orgãos respiratorios. taes como: tosses rebeldes ou convulsas, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito Geral: **FARMACIA FRANCO, FILHOS**
PEDRO FRANCO & C.º
Rua de Belem, 147 - LISBOA

CASA PARIS — LISBOA — Rua d'Assunção, 56

Grande e variado sortimento de brinquedos, quinilherias e artigos proprios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho ♦ **Preço fixo**